

Obnubilado

*Adson Luan Duarte Vilasboas Seba**

Aluno regular do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, vinculado à linha de pesquisa: Estudo de Processos de Práticas Sociais da Linguagem. Mestre em Linguística pela mesma instituição. Especialista em metodologia do ensino de Língua Inglesa pelo Centro Universitário Cidade Verde/UniFCV. Aperfeiçoado em Tecnologias na Educação, Ensino Híbrido e Inovação Pedagógica pela Universidade Federal do Ceará. Aperfeiçoado em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Graduado em Letras/Inglês pela UNEMAT e em Pedagogia pela UniFCV. Técnico em Desenvolvimento de Sistemas pelo Instituto Federal de Mato Grosso - Campus Cáceres.

 <https://orcid.org/0000-0002-2957-4513>

Recebido em 15 mai. 2023. **Aprovado** em: 25 ago. 2023.

Como citar esta produção artística:

SEBA, Adson Luan Duarte Vilasboas. Obnubilado. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 12, n. 3, p. 280-281, dez. 2021. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10439613>

Com o coração dilacerado,

sobrevivo com sobejos do amor a mim outrora confiado.

Obnubilado, procuro memórias tortuosas àquelas que deveria ter deixado de lado.

Desgraçado. Assim fiquei desde que descobri que as juras de amor eram simulacros.

Desafortunado. Incapaz de seguir adiante sem lembrar dos seus olhos marejados.

Dissimulado. Lágrimas? Não. Ópio. Veneno destilado.

Sete tipos de simpatia tenho realizado,

capim-guiné, incenso, leite derramado,

*

 depaulabrito@gmail.com

seu nome a dois palmos em um buraco cavado.

Nove promessas aos santos fiz de joelhos dobrados.

Tudo em vão, pois não consegui esquecer teu sorriso amarelado
e a vermelhidão dos teus lábios carminados.

Obnubilado, não consigo me mover para o lado.

Alma calcificada, coração sem sangue bombeado...

Preso em uma cela com menos de um metro quadrado,
escuridão sufocante que me impede de ver o céu estrelado.

Trancafiado. Grito na esperança de ser encontrado.

Amarrado. Busco formas de me rastejar à saída e ser resgatado.

Ludibriado. Tento não me afogar no mar de lágrimas do passado.

Chega de "dô" e de "dó", esse ritmo maldito que me manteve em cativeiro,

O tempo não para, não espera pelos abatidos o dia inteiro,

Eu preciso encontrar um novo sentido,

Deixar pra trás as lembranças doídas,

Buscar novas histórias ainda não vividas.

Obnubilado por tanto tempo, enfim vejo a luz,

sigo em frente, na esperança de um novo começo, uma nova cruz.